

Oficinas Argumentação #EuVotoDistrital

Documento preparado por Emygdio Carvalho

Oficina 1 - Diagnóstico

Nos últimos dias, estive num evento sobre Reforma Política. Depois que os palestrantes fizeram seu papel de apresentar de forma ampla a idéia de reforma, eu me levantei e defendi o Voto Distrital. Assim que a palestra acabou, todo o publico se levantou e foi para o café ao lado. Fui um dos últimos a levantar da cadeira. Nesse momento, um homem veio até mim e disse: olha, acho o Voto Distrital a pior coisa que pode acontecer para o Brasil.

Ouvindo aquilo, tive uma mistura de ansiedade e curiosidade. Naquele instante me senti defensivo, pronto para o embate. É como se ele me olhasse dizendo: você está pronto para defender suas ideias? Por que eu estou mais do que pronto para provar que você está errado!

Na sala vazia, eu e aquele homem começamos a debater. Um forte defensor do sistema atual, ele encontrava problema em tudo que eu dizia. E eu tinha clareza que a linha de raciocínio dele não fazia sentido.

Uma imagem para ilustrar aquele debate: uma luta de boxe. Quem bater mais na cabeça do outro vencerá!

Fiquei aproximadamente duas horas envolvido nessa discussão. Assim que "acabamos", estávamos bravos um com o outro e sentindo que não saímos do lugar. Cheguei em casa desgastado com tudo aquilo e pensando como tem gente que faz questão de te deixar para baixo!

Essa é uma história real. Vivi esses momentos muitas vezes. E venho dividir o que aprendi. Percebo que eu, e um bom punhado de gente, é treinada da seguinte forma: quando alguém discorda do que você diz e pensa, é preciso se levantar e defender seu ponto de vista. Custe o que custar você precisa vencer o debate. Se for argumentar, esteja pronto, porque você PRECISA rebater.

Não quero discutir os valores por trás dessas afirmações. Quero na verdade mostrar, de forma pratica, como a mudança desse paradigma pode trazer resultados positivos em termos de mobilização. Não por acaso que chamo de Argumentação.

Muitas vezes nos deparamos com situações como as que contei. Uma pessoa, claramente, sem vontade de te ouvir.

Vamos analisar as características mais importantes da história. O local está vazio, o homem não está propenso a ouvir, foram duas horas de energia investida, as sensações geradas são negativas nas duas pessoas.

É muito importante, nessas situações, se deslocar um pouco e enxergar tudo aquilo em perspectiva.

1) Por que preciso debater?

- 2) Se a pessoa não está querendo me entender, devo gastar energia aqui?
- 3) E mesmo depois de duas horas de debate, digamos que "venci", valeu a pena o investimento?
- 4) Há mais pessoas que posso convencer aqui? E as pessoas no café? Será que elas não estariam dispostas a ouvir um pouco mais sobre o Voto Distrital?

Oficina 2 - Uma troca de emails

Legenda – acompanhe nesta sequência

Preto – resposta de #euvotodistrital

Vermelho – resposta de Y

Azul – segunda resposta de #euvotodistrital

Verde – segunda resposta Y

Oi, #.

Tudo bom?

Dessa vez, escrevo em verde a minha tréplica.

Antes das minhas considerações na sua análise começo com uma pergunta:
O voto distrital também vale para deputados federais? Como funcionaria?

O Voto Distrital vale para Deputados Federais, Estaduais e Vereadores.
Para Deputados Federais de SP, por exemplo, é só dividir o Estado em 70 distritos de mesma população e cada distrito elege um deputado. Simples assim.

Oi Y.

Muito boa a lembrança do John Stuart Mill. Ele teve a coragem de defender quem não tinha voz no século 19, principalmente a "classe operária", na época, quase toda retirada do espaço político formal. Nessa época, falar em maioria numérica dos votos era falar de minoria aristocrática comandando quase tudo. Uma democracia dando seus primeiros passos.

Nossa democracia hoje, com nosso sistema proporcional da maneira como é, exclui grande parte dos eleitores. Você sabia que grande parte das periferias das grandes cidades estão sem representação?

Eu também não me sinto representado. O deputado que votei não está lá.
Portanto, o meu voto, ou elegeu algum candidato do mesmo partido (o problema é que os partidos não têm mais uma identidade consolidada; logo, posso ter elegido um candidato com ideias diferentes das que acredito) ou, pior, da coligação que abomino.
É por isso, que o voto proporcional deve, em minha opinião, ser abolido.
Acredito que seja isso que aconteça com o povo da periferia, certo?

Nas periferias das grandes cidades, os políticos vão, como eles mesmos dizem, pescar votos. O voto se pulveriza nessas regiões e "não elege" ninguém (estudos da UFRJ). Por exemplo, o político mais votado da Cidade Ademar teve 5% dos votos! Ou seja, não há O político daquela área.

Hoje, para poderem puxar votos, além dos "tiriricas" da vida, todo partido parece ter alguns perfis determinados, como: o a favor dos homossexuais, o verde, o católico, o evangélico, o espírita...

Verdade, e quase nenhum desses "representantes de minoria" é eleito. Mas SEMPRE puxam votos para a coligação.

Se os partidos tivessem uma identidade mais consolidada, mesmo que o meu candidato não se elegeisse, eu ficaria consolado, porque acabaria elegendo um candidato do mesmo partido que votei, ou seja, com ideias homogêneas.

A identidade de um partido é construída (1) pelo enraizamento dos partidos na sociedade e (2) uma comunicação coerente. Ideias homogêneas são difíceis de alcançar, mas princípios norteadores são fundamentais!

Comparando o distrital com a lista fechada, esta não parece ter mais chances dos candidatos honrarem com uma identidade partidária, isto é, ter ideais comuns, uma bandeira?

Pela pulverização dos votos, essas áreas não tem força política proporcional ao seu tamanho. No Rio Grande do Norte, por exemplo, 22% da população não tem representação na Câmara dos Deputados. Em SP, a periferia é a área que mais sofre com essa desproporção.

Talvez, fosse o caso, dessas periferias construíssem um partido próprio e pequeno para conseguirem eleger candidatos. O que acha?

Parece lógico né? É uma ótima ideia. E aí vem mais um problema do sistema atual. O problema é que o Sistema Proporcional forçaria esse novo partido a ultrapassar o coeficiente eleitoral. Ou seja, este partido teria que buscar voto por um Estado inteiro por exemplo. Num distrito, essa "periferia" teria chances reais de vencer e ter um representante.

Bom!

Fico com a "pulga atrás da orelha" quando, ao mesmo tempo, somente 35 deputados são eleitos pelo "voto direto". Todos os outros vão puxados.

Eu também. E, acho que o maior problema é essa falta de homogeneidade dos candidatos do mesmo partido.

Respondendo sua pergunta sobre exclusão de minorias.

Primeiro, precisaríamos definir "minorias" no Brasil. Quais são nossas minorias?

Todos aqueles que não se sentem representados.

Segundo, vamos dizer que uma das minorias seja os ambientalistas. O voto distrital convida essas bandeiras a atuar em nível local, ou seja, ser a mudança que você quer ver no seu bairro, por exemplo.

Imagine, um novo tipo de mobilização: Vamos nos organizar nesse bairro e torná-lo exemplo para outros bairros na cidade. E fazer a mudança de distrito em distrito.

1-) Concordo que a oportunidade existe. Mas, acho muito difícil que nos jardins, por exemplo, ganhe um candidato comunista, mesmo sabendo que há marxistas por lá. Aliás, desconfio que partidos como PCdoB, PSOL, PSTU, sumiriam da câmara.

Acredito muito na ideia de que partidos políticos devam ser um grupo de pessoas que buscam melhorar sua comunidade de forma prática. E esses partidos tem inúmeras pessoas em seus quadros que fazem coisas maravilhosas ligando discurso à prática. Eles teriam que dar destaque a essas pessoas. Olhando para hoje, acredito ser mais um processo de adaptação.

No entanto, continuemos com o exemplo dos partidos de esquerda, os quais almejam o socialismo ou comunismo, e, portanto, uma mudança radical da sociedade. Que, simpatizemos ou não com eles, temos que os respeitar e dar oportunidade a eles serem ouvidos. Como você já concordou, certo?

Dessa forma, penso que a proposta que esses deputados de esquerda gostariam de fazer é de transformação radical, do distrito, no caso. E, não de propor uma melhora, seguindo a ordem como está. Pois, assim, o mesmo sistema continuaria vigorando. Pelo pouco conheço esse não é, definitivamente, o objetivo deles.

Sendo assim, essa “adaptação” que eles deveriam fazer soa como os forçar a entrarem para a ordem atual.

Afinal, como disse, me parece ser muito difícil um distrito, como o Itaim, eleger um deputado radical, que queira mudar tudo.

Mas, insisto, não seria tão irreal que ele se elegeisse por votos de um Estado inteiro ou por toda a federação.

Imagine que surgisse uma nova proposta de sistema: “FISQUISMO”, uma ideia baseada em pensamentos complexos de física para harmonizar a sociedade.

No princípio, só estudiosos simpatizantes votariam nessa ideia (que poderia ser maravilhosa). Afinal, esta seria muito complexa para todos entenderem.

E, se um representante do “FISQUISMO”, se elegeisse a deputado, graças aos votos de 500.000 estudiosos simpatizantes do Brasil inteiro ele poderia propor um projeto e os deputados (profissionais que devem estudar a fundo cada projeto) o aprovassem, o “FISQUISMO” passaria a ganhar popularidade. E o resto das pessoas prestariam mais atenção, podendo esse novo sistema dominar.

Acho que o distrital tem pontos maravilhosos, como dar oportunidade às periferias elegerem os seus representantes. Todavia, ele me parece pecar na inclusão de minorias, como os radicais, os “Fisiquistas”.

E, mesmo eu não sendo de esquerda, acho que muitas vezes, as críticas que esses partidos fazem são fundamentais.

Sem dúvida são FUNDAMENTAIS!

2-) Penso, que se um distrito sofresse uma ótima transformação, devido à influência do deputado do distrito, ocorreria que os outros distritos tenderiam a votar em candidatos do mesmo partido que esse feitor, certo?

Ex: Se com o PSDB o Itaim está muito melhor, eu que sou da Móoca passarei a votar nessa legenda.

Será que não ocorreria, ao longo do tempo, uma uniformização de um ou dois partidos? Haveria brecha para uma preocupante totalização?

Olhar a maneira como nós reagiríamos é um bom guia. Por exemplo, esse discurso pra mim "não cola". Se um sujeito busca esse tipo de ligação para provar que é bom, eu vou duvidar um pouco dele. Ser de partido A ou B pode significar algo. Mas meu voto irá para quem acho que tem capacidade de entrega, de realmente estar preparado dado o que minha comunidade precisa.

Outra maneira de olhar: menos de 10% da população é filiada. A identificação ainda é muito baixa.

Legal.

3-) Me parece que no distrital os candidatos são mais independentes do partido, assim, não ocorreria de um candidato do mesmo partido, de diferentes distritos, terem ideias antagônicas?

Bom, primeiro, ter ideias diferentes é uma coisa boa. E distritos diferentes, terão ideias diferentes do que é bom, e do que faz sentido. O Congresso Nacional é naturalmente o local onde esses interesses são cuidadosamente costurados.

Os partidos, nesse caso, serão desafiados a buscar princípios norteadores, grandes bandeiras (o que não temos hoje). Sem contar que disciplina partidária sobre um programa é deliberação dos próprios partidos. Ou seja, o programa definido em convenção deve ser seguido, do contrário, o político deve deixar o partido.

1-) Realmente onde as bandeiras partidárias não são levadas a sério. O PT(Parece Tucano) é de direita, esquerda ou centro?

E o PSDB, que deveria, segundo a sua filosofia, dialogar com sindicatos, parece que só agora, o Alckmin começa a fazer isso. Mas, por muito tempo os sindicatos foram deixados de lado para eles, e o PT que adotou essa cultura.

2-) Penso que para um deputado ser eleito em Itaquera, por exemplo, ele tem que priorizar os pobres, já que são a maioria e os ricos a minoria no local. Normalmente, interesses de pobres e ricos se confrontam. Estes querem o que é de seu interesse: avenidas, segurança. E, aqueles, anseiam pelo básico: saneamento, moradia, saúde.

No entanto, outro deputado, que seja do mesmo partido que o de cima, para ser eleito em um distrito em que tenha mais ricos do que pobres, deve priorizar os ricos.

Penso que todo o partido quer estar no poder. Que no jogo político vale tudo, como obter o maior número de cadeiras na câmara. E que realmente não dá pra fazer tudo. Portanto, que dessa maneira os partidos esqueceriam algumas vezes a sua bandeira para atingirem um fim que os deixem governar.

Não ficaria espantado de ver um democrata (DEM) defendendo os interesses de uma comunidade pobre para ganhar mais um lugar na câmara.

*Retomo a pergunta feita acima aqui: Comparando o distrital com a lista fechada, esta não parece ter mais chances dos candidatos honrarem com uma identidade partidária, isto é, ter ideais comuns, uma bandeira?

3-) O deputado eleito pelo distrito não tenderia a esquecer os outros distritos e a priorizar apenas o seu, já que foi por esse que foi eleito?

Sempre será situacional. Num momento se coopera, num outro talvez não.

Mas quem pensa no todo? Por isso existe o Senado, que deve representar o Estado todo e pensar na federação.

Com nosso sistema atual, os papeis de senador e deputado se confundiram. Hoje o Senador é um deputado de luxo.

Concordo que os Senadores já representam o Estado todo. Mas, repetindo, a meu ver, da forma que se está visando, a partir que os deputados tomam conta só do distrito, parece que excluir as minorias está no pacote, sem se perceber. Infelizmente.

Acho fantástico tudo o que o distrital proporciona. Mas, preocupo-me muito em não dar possibilidades para ideias diferentes, as quais sempre parecem muito estranhas, no princípio, para a maior parte da população.

Teria que haver um jeito de não excluir! Estou refletindo sobre isso.

Sobre sua pergunta de partidos pequenos. No Canadá e na Índia por exemplo os partidos pequenos elegem deputados sim pelo voto distrital. Lá eles têm de 7 a 9 partidos representativos.

Acredito que aqui temos 28 partidos políticos. Nessas eleições entraram 13 para a câmara.

Quanto você estima que entrariam com o voto distrital?

Precisaríamos ter uma eleição para ver esse resultado. Estimar? Acho que só com estudo do voto no Brasil.

Ter menos da metade de partidos que concorrem não significa uma pouca democratização?

Não saberia dizer desse número de partido, como disse. No caso do conceito "democratização", penso menos em entidades e mais em eleitores.

Realmente, com o distrital iria haver uma aproximação Eleitor – candidato. O que é ótimo.

Gostei de você ter citado ideias de vanguarda. Adoro elas também. Eu adoraria ver uma ideia incrível realmente começar. Me entende? Assim como os ambientalistas, essa ideia teria que praticar o que fala. Fazer a mudança de verdade para mobilizar outros lugares para fazer.

Por isso um líder comunitário me disse que o Voto Distrital traz a política para o "chão", para o dia-a-dia.

E assim que ganha o distrito, já ganha uma cadeira no Legislativo. Não precisa ter gente no Estado todo, para começar.

Também acho que não precisa ter gente em todo o Estado, ou Brasil, para começar. Receio é que precise do Estado, ou Brasil para começar.

Não entendi essa parte, Y. :0)

Sobre seu exemplo no Itaim Bibi, acho que o respondi. É isso que mais me apaixona no Distrital, a política ganha o cotidiano da população, e o cotidiano ganha mais vida. As ideias serão convidadas a apaixonarem as pessoas.

Fez sentido para você?

Faz. Concordo que iria aproximar a política da população. Isso é ótimo. Mas, ainda estou receoso com a minoria não conseguir ter voz.

Entendo. Vamos seguir e ver se essa preocupação diminui. Vc precisa estar confortável com a proposta não é mesmo?

Com certeza.

O que eu mais gostaria era abraçar uma causa que eu realmente acredite. Que eu possa dizer a todos com orgulho que faço parte, que tenha certeza absoluta que atenderá o bem-comum.

Estou louco para achar! Mas, os meus critérios não me deixam pular de cabeça antes de verificar o que tem por debaixo d'água.

Um abraço.

P.S.: Fica à vontade para publicar os nossos debates.

Oficina 3 - Um artigo contrário

15/04/2011 - 07h05

Para esquecer o voto distrital

“O voto distrital é um sistema de seleção de poderosos, não de inclusão política dos diversos segmentos sociais”

Márlon Reis*

O texto que você lerá a seguir é uma adaptação de ideias que expus em debates travados em meus perfis no Facebook e no Twitter. Peço-lhes, assim, que compreendam o tom direto das reflexões.

Tudo começou quando fiz uma postagem que dizia mais ou menos o seguinte: "o distrito eleitoral é o ambiente perfeito para o clientelismo e a corrupção". Depois dessa afirmação recebi diversas mensagens de apoio e de reprovação.

O que se vê agora é uma lista de considerações que apresentei na oportunidade, submetidas a uma edição e ampliadas. Foi da Lucrecia Anchieschi Gomes, da Policidade e do Movimento de Combate à Corrupção (MCCE) de São Paulo a iniciativa de realizar a coletânea das minhas primeiras ponderações. A ela os meus sinceros agradecimentos.

Antes de tudo, peço-lhe que abra mão de ideias preconcebidas. Esqueça os sistemas eleitorais dos outros países e pense no Brasil como você o conhece. Compare-o com o que lerá adiante. Pense. Então decida se é isso mesmo o que você quer para o nosso país.

Imagine o seu município dividido em distritos eleitorais. Considere que serão tantos distritos quantas são as vagas em disputa para a Câmara de Vereadores. Sua cidade e a zona rural estarão recortadas em unidades políticas que incluirão diversos bairros e, às vezes, vilas e povoados. Agora responda: quem serão os eleitos em cada um desses distritos? Resposta: vencerão os poderosos locais.

Esse é o rosto desnudado do voto distrital. Nele, vence o mais forte. As Câmaras de Vereadores ficarão cheias de aliados do prefeito. Quem votará nos candidatos de oposição, que nada poderão conseguir com o prefeito, responsável pela execução do orçamento? Imaginando que ainda assim um ou outro opositor consiga vencer a terrível disputa contra a situação, resta imaginar quanto tempo ele resistirá antes de ceder e ingressar na situação, como forma de garantir "benefícios" para sua comunidade e assegurar sua reeleição futura.

Se um sistema não funciona bem no âmbito local, não pode servir também em esferas mais elevadas.

É preciso discutir o mito de que o voto distrital ‘aproxima o eleito dos seus eleitores’. Esse lugar-comum carrega consigo inúmeros perigos, bem conhecidos de muitos políticos tradicionais que o defendem, mas ignorados por grande número de brasileiros que vêm propondo de boa-fé a implantação, entre nós, desse sistema.

A adoção do voto distrital - ou da sua versão mais perversa, o “distritão” - teria um efeito prático inevitável: o sufocamento político das minorias e grupos de oposição.

Os partidos políticos, hoje já relegados a um plano secundário, teriam ainda mais reduzida sua pequena influência, já que nesse sistema a eleição se baseia exclusivamente na personalidade do candidato, com franco prejuízo para a construção de identidades políticas e ideologias desenvolvidas coletivamente.

Num país com uma história marcada por vínculos clientelistas, a introdução de sistemas eleitorais baseados no culto à personalidade constituiria um grave dano para a democracia, com sérias repercussões nos campos social e econômico.

O voto distrital, quando adotado em democracias recentes, não facilita o controle social dos mandatos, mas o clientelismo. Nesse modelo, os patronos assumem o comando político dos distritos. Sua reeleição, sem limites, torna-se cada vez mais simples à medida em que a oposição vai percebendo que não adianta disputar com quem detém o poder político e econômico num reduto concentrado.

O distrito é, assim, o reconhecimento oficial do reduto. Ele é o ambiente perfeito para a compra de votos, prática infelizmente comum em nosso país. Só para se ter uma ideia, quarenta e três por cento dos entrevistados em uma pesquisa realizada pelo IBOPE/AMB em 2010 afirmaram conhecer casos de políticos que compram votos. E quarenta e um por cento disseram conhecer pessoas que votaram em troca de benefícios pessoais.

Práticas políticas baseadas na outorga efetiva ou prometida de ofertas personalistas são encontradas em todos os estados brasileiros. Os agentes desse comércio são chefes políticos locais que mantêm o eleitorado sob vínculos de dependência mais ou menos sofisticados. A moeda de troca pode ser uma dentadura ou a promessa de legalização de um condomínio de luxo construído em área ilegal. Esse intercâmbio de favores é a tônica da política realizada em âmbito local.

Muitos se queixam hoje do fato de que alguns parlamentares recebem grande número de votos em um lugar onde sequer fizeram campanha. Pensam que o voto distrital seria capaz de solucionar esse problema, vinculando o eleito ao distrito. Nem para isso esse modelo serve.

A conquista de votos por candidatos sem base na comunidade, tal como ocorre hoje, é o fruto da ação de mercadores de votos (cabos eleitorais, líderes associativos, prefeitos, vereadores etc.) que atuam em redutos eleitorais determinados. A cada eleição, o “passe” desses agentes vai se tornando mais caro, expulsando dos mandatos políticos vocacionados que não aceitam essa condição. No sistema atual esses patronos locais não possuem na sua comunidade votos suficientes para serem eleitos, pois a circunscrição é todo o estado. Mas, se o país for dividido em distritos, o problema estará resolvido: esses mercadores se converterão eles mesmos em nossos deputados.

Por outro lado, deputados federais eleitos em distritos assumiriam a condição de meros despachantes de interesses locais, empenhados apenas em carrear recursos para o distrito, conferindo importância secundária aos debates estratégicos de interesse da nação. Isso faria com que o debate eleitoral se amesquinhasse, com os candidatos tentando demonstrar quem pode “trazer mais coisas de Brasília”. Seriam quinhentos e treze “Vereadores Federais” na capital federal.

A lógica dos eleitores passaria a ser a seguinte: quem entre os candidatos poderá angariar mais vantagens para o distrito? Obviamente, saem na frente os políticos ligados ao governo, pois no nosso sistema constitucional é o Executivo quem dá a palavra final sobre a destinação das verbas. Votar num opositor é correr o risco de ver a comunidade alijada de novos investimentos públicos.

O voto distrital também tem o demérito de reduzir a política a um debate bipolar entre governistas e antigovernistas. Na votação majoritária - modelo adotado no sistema distrital - vence o que obtém mais apoios, ou seja, não há espaços para os portadores de bandeiras específicas, tais como ambientalistas, feministas e defensores dos direitos humanos. Índios, negros e mulheres veriam ainda mais reduzida a sua possibilidade de eleição, já que a votação adotada serve para verificar quem é capaz de arregimentar o maior número de votos.

O voto distrital é um sistema de seleção de poderosos, não de inclusão política dos diversos segmentos sociais.

Milhões de votos concedidos aos candidatos derrotados ficam sem nenhuma importância. É possível que a oposição fique com quarenta por cento dos votos nas eleições nacionais e que isso se converta, mesmo assim, em pouquíssimas cadeiras no Parlamento.

Agora vamos pensar em qualquer político escandaloso, daqueles que nos provocam sensações de repugnância ou indignação quando nos lembramos que estão entre os nossos dirigentes. Felizmente, são poucos. Pois bem, com o voto distrital esse nosso "herói" terá seus problemas definitivamente resolvidos. Bastará se vincular ao principal reduto eleitoral (eles os têm, em grande número), espaço onde continuará sendo eleito e reeleito com grande tranquilidade.

Outro problema para as oposições no voto distrital é o favorecimento da perseguição aos líderes opositoristas. O distrito, para a liderança opositorista de destaque, converte-se na sua prisão, para a qual se dirigem todas as forças políticas do governo. Todas as energias são dedicadas à derrota dos adversários mais ilustres. Considerando-se que esse esforço é empreendido por quem está no poder, pode-se imaginar o resultado.

Ainda temos que lembrar o *Gerrymandering*. Pode parecer algo chato, mas é até divertido. A origem desse termo se deve à observação feita por um cartunista sobre o formato adquirido por um distrito em Massachussets. De tão alterado para beneficiar o governador, Elbridge Gerry, ficou parecido com uma salamandra (*salamander*). O editor do jornal apelidou o distrito de *Gerrymander*, numa piada com o nome do governante.

Pois bem, quando fui ouvido pela Comissão Especial da Câmara que trata da Reforma Política, um deputado me perguntou: se for aprovado o voto distrital, quem definirá como serão desenhados os distritos? Respondi: "a maioria". Isso mesmo. Quem diz onde fica cada distrito é quem tem maioria suficiente para isso no Congresso. Acontece que a área de abrangência do distrito pode definir a sorte ou o azar dos candidatos. Um simples bairro a mais incluído em um distrito pode mudar o resultado do pleito. Se um distrito abrange duas cidades, o eleito pode ser um; mas se for incluído um terceiro município, a eleição pode terminar de forma bem diferente. Pergunto: você acha que os distritos terão seus desenhos definidos de forma neutra?

Fico muito admirado quando vejo opositoristas aceitando a idéia do voto distrital. Esse modelo foi adotado no Brasil desde os tempos de colônia até a República Velha, tendo

sido abolido justamente por inviabilizar a presença da oposição no Parlamento em níveis aceitáveis. O voto proporcional foi adotado como forma de assegurar a participação das minorias. É uma conquista histórica da qual não podemos abrir mão.

Enfim, existem muitos outros motivos para que você esqueça o voto distrital, mesmo na sua forma envergonhada, o voto distrital misto, que é uma maneira de entregar "apenas" metade das cadeiras parlamentares aos patronos e caciques locais. Pense nisso: é isso o que você realmente quer para o Brasil?

* *Juiz de Direito no Maranhão, membro do Comitê Nacional do [Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral](#), um dos redatores da minuta da Lei da Ficha Limpa, coordenador e professor em cursos de pós-graduação, palestrante e conferencista.*

* *Fonte: Congresso em Foco*